

LITERATURA E SOCIEDADE EM VINTE E ZINCO, DE MIA COUTO

CHAIANE DA CUNHA ISLABÃO¹;
ALFEU SPAREMBERGER²

¹Universidade Federal de Pelotas – chaislabao@yahoo.com.br

²Universidade Federal de Pelotas – alfeu.sparemberger@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Analisar a relação entre dois ou mais textos – verbais ou imagéticos, dentre os quais, pelo menos, um deles seja literário – não é tarefa simples, sendo necessário, para tanto, a recorrência à Literatura Comparada, a qual, nas palavras de HENRY REMAK (*apud* COUTINHO E CARVALHAL, 1994, p. 175), corresponde tanto à “comparação de uma literatura com outra ou outras” quanto à “comparação da literatura com outras esferas da expressão humana”, além de ser entendida como o estabelecimento de um ponto de conexão entre as produções textuais aproximadas. No presente trabalho, tal ponto de ligação está relacionado à associação que pode ser verificada entre Literatura, através da obra *Vinte e zinco* (1999), do escritor moçambicano Mia Couto, e História, no que esta tem de expressão da sociedade.

A associação entre Literatura e História é apontada com o objetivo de trazer à discussão questões ligadas à compreensão da obra literária *Vinte e zinco* enquanto produção textual capaz de fazer ressignificar a realidade, à literatura moçambicana enquanto arte capaz de cumprir um papel que ultrapassa o do entretenimento e influencia o modo de pensar e agir das pessoas na construção de um novo olhar diante do mundo e à transformação de elementos externos à obra em elementos internos organicamente integrados.

Para tanto, no que se refere ao texto ficcional mencionado, são levantadas as seguintes questões: “Há alguma espécie de diálogo entre as ciências referidas?”, “Que relação há entre elas?”, “Como tal relação agrega significado à obra?”, “Como a obra, através de elementos constituintes de sua narrativa, aqui apontados, transforma/questiona o terreno extraliterário – a História?” e “Como os aspectos sociais identificados na obra participam efetivamente na composição de sua estrutura interna?”.

Para respondê-las, entre outros raciocínios, são levados em consideração:

a) o duplo questionamento proposto por CANDIDO (2010, p.28) no que se refere às relações entre a obra e o meio social: “qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte?” e “qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio?”;

b) a advertência do referido autor quanto ao simples apontamento dos aspectos sociais e sua ocorrência na obra literária – apontamento este que qualifica como ponto de vista “paralelístico” (CANDIDO, 2010, p. 9) devido ao fato de não considerar uma efetiva interpenetração de uma via/ciência na outra (no presente estudo, Literatura e História);

c) a demonstração, defendida por CANDIDO (2010), de que os aspectos sociais agregam valor estético à obra, pois atuam em sua estrutura.

Para o presente estudo interessa o que o escritor capta da vivência de seu povo, da história da construção de uma sociedade cuja bipartição é característica marcante, senão distintiva, e como ele faz com que sua narrativa dialogue com o

contexto histórico, transformando-o e fazendo-o apresentar um novo significado. Interessa, ainda, como o fator social se transforma em elemento *interno* da obra ao desempenhar certo papel na constituição de sua estrutura.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O presente estudo adota como metodologia a comparação entre o plano literário, e o plano histórico, no que este tem de expressão da sociedade, examinando o diálogo entre o texto ficcional *Vinte e zinco* e o evento histórico intitulado Revolução dos Cravos ou Vinte e Cinco de Abril.

No ano de 1933, em Portugal, Salazar dá início ao Estado Novo, governo promotor da censura à vida social e cultural do país. Com a finalidade de reprimir qualquer forma de oposição a tal governo, cria-se, então, a PIDE (polícia política do regime colonial). Insatisfeita com a censura à qual era submetida e testemunha de um período marcado por guerras coloniais, a população portuguesa, almejando o fim do Estado Novo, apóia o MFA (Movimento das Forças Armadas) – Movimento formado pelos jovens que conheceram o *front*, entre os quais havia se propagado a consciência de que o futuro de Portugal dependia da mudança de regime. Com o lema “democracia em Portugal, *descolonização na África*”, o MFA, juntamente com a população lisboeta, toma as ruas de Lisboa em 25 de abril de 1974, ficando tal episódio conhecido como Revolução dos Cravos. Tal revolução marca o fim de mais de quarenta anos de opressão em terras portuguesas e o início da *descolonização em África*.

Através das figuras que viabilizam a relação, calcada na colonização, entre Moçambique e Portugal durante o período em que a nação africana foi submetida à dominação lusitana – colonizador/colonizado, opressor/oprimido, dominador/dominado –, a obra estabelece forte ligação com a realidade extraliterária, com dados históricos, para criar seu próprio universo. *Vinte e zinco* faz uso da História oficial para construir sua própria história e questionar aquela.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

No texto narrativo de ficção estudado há o tensionamento de diversos discursos, sobretudo o social e o histórico no que se refere à abordagem de determinado tema resgatado da trajetória do povo africano na luta pela conquista de sua liberdade. Considerando o diálogo entre o plano literário e o histórico e o fato de o social ser trabalhado por meio da ficção para apresentar novos significados à realidade como verdades às quais se pode chegar ao ser empreendido um cuidadoso exame do romance de Mia Couto, é possível ainda identificar e refletir sobre os elementos, capturados na/da circunstância em que se inscreve a obra, que, a partir do trabalho com a matéria narrativa proposto por Mia, se transformam em partes integrantes e formadoras da estrutura interna de *Vinte e zinco*. Tais elementos são, aqui, apontados de acordo com três linhas de análise: uma **histórico-temporal**, outra **histórico-literária** e uma terceira identificada como **histórico-linguística**. Seguindo a perspectiva adotada por CANDIDO (2010), a qual norteia este estudo, tais vieses constituem os chamados *princípios estruturais* da obra, cujo enlaçamento e cuja subordinação uns aos outros obedecem a algo a que se pode chamar de *princípio organizador* do texto literário (o Vinte e Cinco de Abril

português, evento que perpassa toda a narrativa e que representa “a argamassa que liga as partes [...]. Graças a ele, os ‘princípios estruturais’ se vinculam sutilmente uns aos outros [...]” – CANDIDO, 2010, p. 186).

a) Divisão da obra: viés histórico-temporal

A obra analisada é dividida em doze capítulos, cujos títulos correspondem a datas. Estas obedecem a uma sequência de dias. São sucessivos dias compreendidos entre dezenove e trinta de abril. Doze capítulos, doze sucessivos dias. A divisão da obra corresponde, portanto, a um recorte específico efetuado na linha do tempo e, conseqüentemente, na História, visto que a história da Humanidade necessita do calendário, ou seja, da configuração dada ao tempo, para que possa ser registrada/contada. O autor de *Vinte e zinco*, “fiel ao princípio de que a construção do texto é tão importante quanto o tema da narrativa, escolhe a cronologia – discurso histórico por excelência – para titular os doze capítulos que estruturam o romance” (ESTANISLAU, 2003, p. 69). Além disso, o capítulo que corresponde à metade da quantidade de dias narrados é justamente o que se refere ao dia em que ocorre a queda do regime salazarista – fato de extrema importância para a diegese da obra e capturado da realidade, do contexto histórico à época explorada. Ou seja, os dias narrados são os que,

imediatamente, antecederam e que seguiram a Revolução dos Cravos. É um texto que denuncia e inquieta na revelação de um tempo histórico concreto e localizado, dentro de uma literatura que se volta para uma escrita de espaço e de uma terra que procura seu próprio sentido entre as marcas que a história lhe imprimiu (TUTIKIAN, 2006, p. 73).

A arquitetura do romance é, pois, comprometida com sua temática. Os fatores sociais participam da composição do texto coutiano na medida em que lhe determinam aquilo que lhe é essencial: a estrutura, o que estabelece a organização de seu conteúdo e impede que este corresponda a uma reunião de peças que, no todo, não fazem sentido, não funcionam enquanto conjunto. Conforme aponta Coutinho,

Os mundos giram sobre si mesmos, instituindo descontinuidade entre o passado e o futuro, mas evidenciando [...] a consciencialização do tempo objetivo, na medida em que o autor situa, de um modo muito preciso, os acontecimentos narrados através de indicadores cronológicos [...] (COUTINHO, 2001, p. 237).

A escolha por uma sucessão de dias num tempo histórico determinado e o fato de o ponto mediano dessa secção temporal compreender um acontecimento histórico extremamente relevante para a construção de sentido para a obra são elementos que, segundo um viés temporal, denunciam quão entrelaçados estão o externo e o interno na obra analisada. Mais do que isso, demonstram que a circunstância, o social, interage com o texto e sobre ele exerce influência a ponto de moldar/configurar sua estrutura.

b) Epígrafes: viés histórico-literário

No texto literário analisado é possível destacar suas epígrafes como sendo de grande importância para a compreensão do discurso veiculado pela obra. Tal elemento paratextual compreende frases, pensamentos, desabaços de suas personagens e escritos de outros autores. Como afirma ESTANISLAU (2003, p. 70), “Mia Couto intertextualiza literatura e história ao escolher como epígrafes de cada capítulo, ora uma citação histórica, ora falas ou escritos de suas próprias

personagens”. No que diz respeito às epígrafes literárias, as próprias personagens contribuem para o entendimento da narrativa e quanto às históricas pode-se dizer que o terreno extraliterário ou o fator social dialoga com a obra a ponto de não só auxiliar em sua composição e contribuir com sua temática, mas de interferir em sua estrutura. Usando, assim, epígrafes cujas linhas são extraídas tanto de obras de autores diversos – epígrafes *históricas* – como da fala ou do pensamento de personagens de *Vinte e zinco* – epígrafes *literárias* –, a narrativa de Mia Couto faz com que sociedade e literatura se entrecruzem e interpenetrem, verificando-se a relevância do meio social para a obra de arte enquanto fator que lhe agrega significado e é capaz de determinar ou modificar sua estrutura.

c) Linguagem: viés histórico-linguístico

Estranhamento é, provavelmente, a primeira sensação que o leitor de *Vinte e zinco* experimenta ao se deparar com o título da obra. Isso devido a uma simples, porém não gratuita tampouco esvaziada de significação, troca de letras. No terceiro elemento do título, em vez de utilizar a palavra “cinco”, já que a obra tem como mote a Revolução dos Cravos, episódio conhecido como Vinte e Cinco de Abril, Mia Couto preferiu fazer uso do vocábulo “zinco” e, assim, sugerir, já no título da obra, outras possibilidades de leitura para o romance, ou, pelo menos, semear questionamentos ligados ao seu teor. A troca de iniciais na palavra analisada evidencia uma crítica à miséria vivida pelos negros africanos colonizados, em oposição à riqueza da qual desfrutaram os brancos portugueses colonizadores.

4. CONCLUSÕES

Pautado pelas ideias de CANDIDO, no que diz respeito ao que o autor chama de princípios estruturais e de princípio organizador de uma obra literária, este estudo, ao adotar como procedimento principal para a análise pretendida, através da análise da obra de Mia Couto e da Revolução dos Cravos, a comparação entre Literatura e História, expõe o fato de que determinados fatores externos à obra, como a cronologia, as citações de determinados autores utilizadas como epígrafes e o uso feito da língua portuguesa, transformam-se em elementos internos ao romance, pois tais fatores são capazes de lhe moldar/alterar a estrutura e, ao mesmo tempo, ampliar suas possibilidades interpretativas e redimensionar seu grau de significação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDIDO, A. **Literatura e sociedade: estudos de Teoria e História Literária**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010, 11. ed.
- COUTINHO, M. J. A ficção em Mia Couto – Vinte e zinco. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 4, n.8, p.229-239, 2001.
- COUTO, M. **Vinte e zinco**. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.
- ESTANISLAU, L. A. Literatura e história: uma leitura do Vinte e zinco de Mia Couto. **Cad. CESPUC de Pesq.**, Belo Horizonte: n. 11, p.64-83, 2003.
- TUTIKIAN, J. Mia Couto: uma criação universal para uma identidade nacional. In: TUTIKIAN, J. **Velhas identidades novas. O pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006. Cap.3, p.57-88.